

Em defesa do Ceará

(Reedição modificada pelo autor)

ANTÔNIO SALES

Impõe-se a todos nós, filhos do Ceará, o dever de assumirmos uma desassombrada atitude de defesa diante das ofensas e aleivosias que de vez em quando nos atiram alguns plumitivos do Sul.

E' ao que nos propomos nestas linhas, secundando o que o dr. Amadeu Furtado, o dr. Otávio Lôbo, Paulo de Albuquerque, José Luiz de Castro já começaram a fazer da tribuna da Assembleia Legislativa, das colunas dos jornais e das revistas locais.

A fraternidade brasileira é um ideal generoso e magnífico que se devia cultuar em todos os espíritos com o fim de manter a integridade da Pátria, desta Pátria que é, nos tempos modernos, uma das mais altas esperanças da civilização.

O governo imperial, tendo à frente um monarca honrado e pacífico, mas indolente e de vistas curtas, espírito europeu, educado num estéril dilettantismo de ideas científicas e literárias, não sentiu nunca o pêso de suas responsabilidades de chefe de uma nação americana, desligada da Europa não sòmente pelo mar, porém mais ainda pelo imperativo de seus destinos de fôrça e grandeza.

Vivíamos como se o Brasil fôsse uma nação de civilização completa, e as nossas assembleas legislativas, macaqueando o parlamento inglês, chegaram à inutilidade palavrosa da decadência romana, quando dominava em Roma a retórica dos sofistas.

Mas, com tudo isso, cremos que, devido em maior parte ao prestígio pessoal do Imperador junto aos seus régios pares, pôde o Império manter a integri-

dade da Pátria, e é êsse o seu grande título à benemerência do povo brasileiro.

Hoje, após quasi meio século de república liberal-democrática, após muitos erros e muitos crimes, a nação progride, contudo, porque mantém intacto o legado de nossos antepassados, contra o qual vivem a conspirar alguns brasileiros renegados, pregando a desintegração da Pátria, inflados por um orgulho semelhante ao da rã de Lafontaine, que queria parecer do tamanho do boi. Cada brasileiro (?), que assim procede, é um malfeitor que merece tôdas as penas,

Não é do Norte que parte êsse grito de discórdia, e é talvez por isso que somos alvo do desdém e da maledicência de uns tantos escribas ao serviço da desgraçada idea do esfacelamento do território nacional.

Aquí permanece intacto, em tôda a sua pureza, o sentimento nacional, ao contrário do que sucede em outros pontos do território onde, por um fenómeno biológico, correspondente ao fenómeno químico, do contacto do povo brasileiro com os filhos de outra raça, sai um produto que nem sempre é brasileiro nem, por exemplo, mais italiano ou alemão.

A brasilidade aquí se apresenta com todos os característicos somáticos e psicológicos, sem estrangeirices de gostos e de pensamentos.

Aquí não há gente de língua e de ideas travadas, que se comprazem num esnobismo cheio de desprezo pelas nossas tradições e nossos costumes.

Somos pela Pátria unida para que seja forte; mas, em troca de nossa lealdade, exigimos que não nos tratem como um parente pobre e rústico, de quem se pode caçar ou apenas merece um sorriso de benevolência protetora.

O Ceará não é apenas uma expressão geográfica no mapa do Brasil, um João-ninguém na comunidade nacional.

Desdenhados, injuriados ou ofendidos, está na nossa dignidade reagirmos contra a ignorância ou má fé dos que nos atacam, reclamando o nosso pôs-

to de honra entre os membros da União brasileira.

Côncios do nosso valor, podemos nós todos do Norte, de frente erguida, desafiar os estados do Sul a que apresentem títulos de glória mais legítimos. No Norte também se pugnou heroicamente contra o invasor estrangeiro, e na história dessa época se inscreveram os nomes imortais de Camarão e Jacaúna, Henrique Dias e João Fernandes Vieira.

Ao tempo em que se pompeava a aristocracia dos mineradores de Minas e São Paulo, o Norte também tinha a dos senhores de engenho, faustosa, poderosa e brilhante.

Foi no Norte que fulgurou a personalidade de Maurício de Nassau, o magnífico Médicis neerlandês.

Também no Norte floresceram a arquitectura, a escultura e a pintura, como o atestam os templos, conventos e palácios das cidades nortistas, onde se desenrolou uma parte do drama da formação nacional.

Não tendo o concurso do cérebro nem do braço estrangeiro para nos auxiliar, entrámos na trilha da civilização por nossos próprios pés, ao contrário de outras regiões do País onde a gente nativa ficou e continua até hoje ilhando concreções exóticas, impermeáveis, irreduzíveis e inassimiláveis, que constituem um perigo permanente para a autonomia nacional.

Aquí, ao contrário, cedo o sangue aborígene se caldeou com o lusitano, de mistura com alguns glóbulos de holandês e francês, dando em resultado a gente mameluca, brava e ativa, que logo se encarreirou na vida civilizada, começando, como é natural, pela indústria pastoril. Foi assim que em 1668 já tínhamos gado bastante para enviar centenas de bois para abastecimento das fôrças militares de Pernambuco.

Por êsse tempo criámos a indústria do xarque, que se tornou conhecido em tôda a parte como carne do Ceará. Na ribeira do Jaguaribe, carneavam-se por ano vinte mil bois.

Do litoral ao longo do leito dos rios, foi subín-

do, durante o segundo século, o influxo da civilização pela mão dos catequistas e levada na bagagem dos exploradores, que inundavam aldeias, erguiam capelas e começavam os primeiros arroteamentos da terra virgem.

Por êsse tempo a voz inspirada e elegante do padre Antonio Vieira se derrama..., como uma cata-dupa de ouro, pelas quebradas da serra da Ibiapaba.

Já nos meados do século XVIII, criavam-se escolas para menores, e foram nomeados professores de latim. E em 1824 aparecia o nosso primeiro jornal, «Diário do Govêrno».

Em 1838 chegava a Fortaleza um grupo de artífices franceses contratados pelo presidente Alencar para ensinar arte e officios.

Daí por diante, acelera-se o ritmo do progresso, e a capital, refletindo o impulso da vida econômica da província, aumenta rapidamente, embelezase e dota-se com as indústrias e institutos próprios de uma terra civilizada. O Ceará foi a primeira província brasileira que adotou o sistema métrico decimal.

Em 1843, funda-se o Liceu Cearense, para estudos secundários; em 1859 a fauna, a flora e a geologia da província são estudadas por uma comissão científica, de que faziam parte Freire Alemão, Capanema, Ferreira do Lago, Raja Gabaglia e o etógrafo e poeta Gonçalves Dias; em 1861, fundava-se a Biblioteca Pública, para dar luz ao espírito, e em 1869 inaugura-se, para dar luz à cidade, a iluminação a gás, que era no seu tempo a melhor do Brasil; nessa época, celebravam-se contratos para a navegação costeira entre Fortaleza e Recife e entre Fortaleza e Maranhão; em 1870 uma empresa particular contratava a construção da via férrea de Baturité.

Na guerra do Paraguai, para a qual mandámos cerca de seis mil homens, dois nomes se cobriram de glória — Tibúrcio e Sampaio—e o nosso 26º de voluntários se tornou famoso pela sua indomável bravura.

Daremos uma idea do que era o meio intelectual, dizendo que, em 1870, o jovem ensaista Rocha Lima

fazia nesta capital conferências públicas de literatura e filosofia.

Atualmente, o Ceará, com 153.000 quilômetros quadrados de superfície, com 700 quilômetros de costas, contando para mais de 1.800.000 habitantes, embora se conte entre os estados pequenos é o oitavo em população, o quinto em produção de algodão e o maior produtor de peles, de cera de carnaúba e óleo de oiticica.

Nossa alfândega é, depois das do Rio, Santos, R. G. do Sul, Pernambuco e Baía, a que mais rende; a nossa rede de viação férrea é uma das poucas que dão saldo à União.

Grande parte das localidades dos nossos 76 municípios tem luz elétrica, e a tração automóvel leva cargas e passageiros aos mais longínquos pontos do Estado.

O Ceará foi o único estado que, graças aos esforços de seu benemérito filho Rodolfo Teófilo, chegou a eliminar totalmente a varíola de seu território.

Em nossa capital, alegre e luminosa, «loira filha do sol», cheia de vida e de graça, hospitaleira e asseada, construíram-se em dez anos cêrca de 3.800 prédios, alguns dos quais de vastas dimensões e onde o estilo moderno aparece em seus melhores espécimens.

Com luz e bondes elétricos, trafegada por numerosos automóveis, ônibus e caminhões, com suas largas ruas retilíneas, Fortaleza possui uma Faculdade de Direito, duas Academias de Letras, um Salão Literário, uma Escola de Odontologia e Farmácia, uma Escola de Agronomia, um Clube de Engenharia, uma Escola Normal e quatro importantes colégios que lhe são equiparados; uma Escola de Aprendizes Artífices, um Instituto Histórico, o Arquivo Público e Museu Histórico, o Seminário Episcopal, o Centro de Saúde, incluindo o Instituto Pasteur e o Vacinogêneo; o Centro Médico, o Instituto de Advogados, a Associação de Imprensa, a Sociedade de História e Geografia, vários asilos para mendigos, órfãos, transviadas e loucos; casas de saúde, hospitais, vários laboratórios de pesquisas químicas e mi-

croscópicas, alguns com aparelhos de raio X; um sanatório-modêlo para doenças do pulmão; vários colégios primários particulares, além de grupos escolares que funcionam em magníficos prédios modernos; um Matadouro-Modêlo, sete livrarias e mais alguns alfarrabistas; o Corpo de Bombeiros, o Instituto de Proteção à Infância, várias agências bancárias e diversos bancos locais, numerosas corporações comerciais, beneficentes, desportivas, estudantais e operárias; fábricas de tecido e fiação de sabão, de bebidas, de cigarros, de ladrilhos, de doces, de rêdes, de móveis; cortumes, numerosas tipografias, algumas dotadas de oficinas de clichagem; diversas fundições e serrarias, etc., etc.

E diàriamente sete jornais trazem ao público o pábulo espiritual de que necessita o povo de uma cidade moderna. Várias outras publicações periódicas completam a carta de nosso banquete intelectual, com que o Ceará se coloca em 8º. lugar entre os outros estados, em matéria de publicidade.

Lançando o olhar para o nosso passado político, e social, vê-se que antes do grito do Ipiranga, em 1817, já nossa terra, solidária com Pernambuco, soltava o grito de liberdade. Quatro anos antes da extinção da escravidão no Brasil, já nós tínhamos libertado nossos escravos.

Tudo isso fizemos em luta periódica com o inominável flagelo das sêcas, que a princípio valeram à nossa terra o estigma de—inhabitável. Ainda hoje alguns escrevinhadores mal avisados insistem nesse conceito, com que procuram deprimir-nos, como se isso fôsse um anátema. A sêca, se é o nosso martírio, também é a nossa glorificação. É essa adversidade, a que outros povos não resistiriam, que põe à prova nossa coragem, nossa tenacidade, nossa impavidez perante o infortúnio.

Terra da sêca, sim, mas também Terra da Luz, da luz que nos castiga, mas que também nos faz parecer mais fortes e maiores.

E foi justamente a sêca que, impelindo nossos conterrâneos para o Norte, os fez desbravar a Amazônia, penetrando na floresta virgem, pululante de

reptís e de feras, talada pelo selvagem, cruel e traiçoeiro, infestada de morbus os mais mortíferos, longe de todo o conforto e de todo o amparo da vida civilizada e policiada.

A conquista da Amazônia é de feição a fazer empalidecer a glória dos bandeirantes do Sul.

Diante dêste quadro esboçado a traços largos, parece-nos que a ninguém assiste o direito de desdenhar-nos ou vituperar-nos. Em qualquer manifestação do esforço intelectual ou material, nossos títulos estão firmados de maneira a provocar mais inveja do que desdém. Não foi no Sul que nasceram José de Alencar, Rocha Lima, general Tibúrcio, Caspistrano de Abreu, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Oto de Alencar, Adolfo Caminha, Alberto Nepomuceno, Domingos Olímpio, José Albano, Moura Brasil, Justiniano de Serpa, Heráclito Graça, Tomaz Pompeu e Juvenal Galeno, para só falarmos em alguns dos que já passaram para o outro lado da eternidade, transformados em sóis do pensamento nacional.

A' luz dêsses nomes, com que brilha nosso firmamento espiritual, nós nos sentimos orgulhosos bastante para não invejar as glórias alheias. Diante de nossos irmãos maiores, mais ricos e mais poderosos, nós nos curvamos com respeitosa simpatia, mas não nos pomos de cócoras.

Essa é a posição normal de Jeca Tatú, entidade que se não conhece no Ceará. «Enquanto o Jeca está de cócoras, Mané Xique-Xique, no seu roçado, vasto a perder de vista, lavra o solo, fecunda-o com o suor do rosto», como diz Ildefonso Albano.

Com o lombo à chuva ou ao sol, com uma temperatura de 55 graus, nosso caboclo derriba, planta ou capina, integrado com a terra, que o tosta e alimenta, gotejante de suor, mas cheio de saúde e de coragem, possuído da resignação dos que aceitam sua sorte e cumprem sua missão de artífices anônimos da riqueza nacional.

Ou, então, êle corre pelos campos, encourado, e, em busca de uma rês arisca, penetra, a cavalo, no mato fechado, arriscando-se a quebrar o pescoço de encontro a um tronco ou ser sangrado por uma

farpa aguda, proeza bem mais arriscada do que correr em campos abertos, apenas tapizados de pastagens.

Ou ainda vai, sôbre os cinco paus de uma jançada, mar em fora, afrontando os ventos e a chuva, atirar seus anzóis aos peixes que vivem para além da *risca*, onde seu lenho exíguo é apenas um ponto na vastidão dos verdes mares bravios.

Isto aquí é a terra de Iracema, a deusa gentil saída do cérebro olímpico de Alencar, para ser a padroeira afetiva de nosso povo, que se retempera no sofrimento e caminha para a frente sem temor e sem tristeza, sem inveja e sem ódio, com espírito bastante para sorrir dos maldizentes ou ignorantes que o agridem, ao mesmo tempo que aceitam o concurso de nossas inteligências e pedem o esforço de nosso braço para a obra de seu progresso.

Vai longo êste arrazoado em defesa da terra cearense; fôsse o caboclo sertanejo encarregado de responder aos nossos detratores, êle, com um sorriso de desprêzo, cuspindo o insulto, diria...

Deixo a cada um imaginar o que diria Mané Xique-Xique.
